

ALEXANDRE GARCIA

O Brasil hoje

Fala-se que algumas tribos primitivas contavam com oráculos, feiticeiros, morubixabas; e que atribuíam a esses personagens poderes mágicos, divinatórios ou de cura. Provavelmente isso deve ter ocorrido até pela necessidade humana de empatia com o sobrenatural, na verdade ocorre até nossos dias em tribos muito menos primitivas. Todas as sociedades precisam daqueles “que sabem”, dos que por uma conjunção de conhecimento, experiência, inteligência e poder de observação podem iluminar caminhos, e Alexandre Garcia é sem nenhuma dúvida uma dessas pessoas.



Mostrando-se um entusiasta da Lava Jato, embora reconhecendo suas limitações e alcance, e com grande conhecimento dos fatos acontecidos nas últimas décadas no país, Alexandre Garcia conquistou a plateia que lotou o Graciosa Country Club para ouvi-lo. Segundo o palestrante, o próprio Emílio Odebrecht havia garantido que as operações que propiciaram o esquema de desvio generalizado de recursos públicos já haviam começado em 1987, e que nestes 30 anos a rotina foi de comprar e vender de tudo; e que hoje “não resta dúvida que os resultados estão aí, mostrando reação à administração desastrosa do PT, que deixou 14 milhões de desempregados”. Por outro lado, Garcia reconhece que atualmente “o desemprego diminui há meses, o crescimento, embora discreto, persiste, inclusive na indústria, o juro básico desaba, a inflação está abaixo da meta, a balança comercial e o agronegócio dão resultados excepcionais”.



Auditório do Graciosa Country Clube.

AUTORA:

Wanda Camargo – assessora da presidência do Complexo de Ensino Superior do Brasil – UniBrasil; mestre em Ciências Geodésicas.

De acordo com ele, a impopularidade do atual presidente pode representar uma vantagem, pois não se pode perder o que não se possui, e isso é o ideal para, por exemplo, proceder a uma reforma da Previdência, entre outras medidas que julga indispensáveis para o país garantir sua viabilidade econômica e voltar a crescer. Sem estabilidade nos números ligados à Economia, com contas públicas mostrando deficits gigantes, o mandatário poderia efetivar o “enxugamento da máquina pública, as privatizações necessárias, pois o Estado não é tutor, é prestador de serviços públicos à Nação. Serviços como justiça, segurança, saúde, ensino e saneamento”.

Assim, o Estado brasileiro, além de não prestar bons serviços públicos, ainda atrapalha o cidadão na sua tentativa de melhorar de vida pelo trabalho, e passamos todos a sentir-nos vítimas e, perigosamente, quando somos vítimas deixamos de nos sentir responsáveis pelo que quer que seja.

No entanto, não é apenas a Economia que tem mobilizado o povo brasileiro, pois este não está alheio ao problema ético e à corrupção institucionalizada. O povo certamente está marcado pela imoralidade da maioria dos políticos e seus partidos, descoberta pela Lava Jato e outras operações da Polícia Federal e do Ministério Público. Temos hoje três presidentes denunciados, um deles já enfrentando processos: Lula, Dilma e Temer, o Brasil sofreu os estádios da Copa superfaturados, BNDES inflado, Eike e Joesley, envolvimento escusos entre Petrobrás, partidos políticos e empreiteiras, prisões de algumas personalidades aparentemente intocáveis, como tesoureiros de partidos, ex-presidentes da Câmara, ex-presidentes do Senado.

Ainda em suas palavras, tais tragédias populistas cobraram caro dos mais pobres, pois estímulo ao consumo e crédito facilitados os levaram ao endividamento irresponsável e irrealista; enquanto nas camadas mais favorecidas o crédito subsidiado levou ao endividamento do Tesouro, a desoneração de folhas de pagamentos destruiu o INSS, e o corte demagógico de tarifas quase levou o setor elétrico à falência.

Estamos na realidade num país em que os agentes públicos são privilegiados, ganhando mais que o trabalhador comum, tendo emprego estável e aposentadoria integral; estão cheios de direitos e escassos em deveres. O sistema judiciário funciona precariamente, encontramos-nos num estágio de insegurança e violência difíceis de encontrar em países civilizados.

Alexandre Garcia considera, por outro lado, que “a mania brasileira de deixar como está, não resolve. Empurrar com a barriga, só vai agravar. A reforma da Previdência é urgente como um tratamento contra câncer. Também é preciso, com urgência, reformar o estado, para que ele se livre das gorduras e tenha músculos para prestar serviços. Presidente sem popularidade já nada tem a perder, a não ser ganhar nome na História. Reformar a Previdência, o Estado, os tributos, é apenas o mínimo para a sobrevivência no presente. Para que o país tenha futuro - e não apenas



João Casillo e Alexandre Garcia.

repita o passado -, é preciso preparar os brasileiros para ordem e progresso, como está escrito na bandeira”.

Quanto às delações premiadas, a afirmação é de que, embora tenhamos importado dos Estados Unidos e da Itália o modelo de colaboração premiada à Justiça, a inventividade brasileira adaptou a novidade estrangeira às condições tropicais: um delator omite informações e é chamado para complementá-las quando se descobre a omissão, no entanto, ele não incorre em falso testemunho nem perde o prêmio, que pode ser uma redução de pena, uma prisão domiciliar, ou uma imunidade penal em Nova Iorque.

Para os estudantes e professores, a oportunidade de ouvir este importante jornalista representou o contato direto com alguém que está mais próximo das notícias, onde e como estas acontecem, e auxilia sobremaneira a entender o complicado momento brasileiro.

Alexandre Eggert Garcia é jornalista, apresentador e colunista político. Começou a carreira aos quinze anos como locutor de rádio em Lajeado, no Rio Grande do Sul, atuou no Jornal do Brasil, na TV Manchete. Na TV Globo, onde está até hoje, participou no Fantástico, Jornal Nacional, Jornal Hoje e Jornal da Globo, e de coberturas importantes como a da promulgação da Constituição de 1988 e as eleições presidenciais de 1989, quando entrevistou todos os candidatos à Presidência. Foi diretor de jornalismo da TV Globo Brasília, cobrindo a posse de Fernando Collor, a ECO-92, o Riocentro, o processo de impeachment de Fernando Collor, a implantação do Plano Real e as duas eleições de Fernando Henrique Cardoso.

Foi porta-voz da Presidência da República entre 1979 e 1980, no governo João Batista Figueiredo. Atualmente é comentarista de política e segurança pública no Bom Dia Brasil, atua como colunista político na coluna “Bastidores” do Jornal da Cidade e também da Rádio Metrópole, de Salvador.

Polêmico, controvertido, respeitado por muitos, detestado por alguns, é sempre importante ouvir Alexandre Garcia. ■



José Hilani, Liana Leão, Alexandre Garcia e Gustavo Milani.